

EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA IDOSOS: PROBLEMATIZAÇÃO DA CULTURA DO DESPERDÍCIO

Clarissa Suelen Oliveira*

Debater sobre Educação Ambiental atualmente já não é mais novidade, apesar de ser pouco debatida em vista da necessidade. Esse termo é discutido desde em mesas redondas de eventos locais – congressos, encontros, palestras – a até em grandes conferências mundiais – como RIO 92, RIO + 10 e Conferência de Joanesburgo. Porém, a discussão sobre Educação Ambiental é muito recente. A primeira vez em que se discutiu esse tema foi em 1972, na Conferência de Estocolmo realizada em Estocolmo, na Suécia. Até então, haviam-se discutido alguns pontos sobre sustentabilidade (discussão também muito recente, desde os anos 60 com o livro “Primavera Silenciosa”). Contudo, foi apenas no ano de 1972 que medidas e metas foram estipuladas e finalmente começou-se a debater sobre um assunto de extrema relevância para o mundo todo (TOZONI-REIS, 2004).

No cenário atual da sociedade, a educação ambiental é muito mais disseminada do que antigamente. A principal questão é se as pessoas estão realmente encarando-a de forma crítica. SILVA *et. al.* (2012), explicita com grande sucesso a importância de desmistificar a educação ambiental crítico-transformadora como um fator meramente ambiental. O autor exalta as outras visões características da educação ambiental e que todas essas outras visões, sejam elas históricas, sociais, políticas ou culturais, estão intimamente ligadas ao nosso cotidiano, com a capacidade de promover mudanças significativas em nossas vidas, tanto no âmbito coletivo como no individual.

DAMO (2012) faz menção às práticas freirianas e cita que Paulo Freire observa a educação ambiental não só como um problema abordado somente no processo ensino/aprendizagem formal, mas sim, um processo de ensino/aprendizagem para formação de cidadãos ambientais atentos, críticos e reflexivos. Portanto, a discussão em questão é cultural e não-formal. Muitos idosos dos dias atuais não cresceram com a preocupação com a sustentabilidade e praticam consumo exacerbado de recursos naturais.

Eles cresceram com outros tipos de preocupações que não compreendem a educação ambiental. Hoje em dia a educação ambiental para essa faixa etária não é muito discutida e nem disseminada na comunidade acadêmica.

A maioria dos artigos referentes à educação ambiental é sobre educação ambiental formal, pouco se discute sobre a educação ambiental não-formal. E, no que concerne à educação ambiental não-formal, a parcela voltada para o público da terceira idade é mínimo. Com o propósito de transformar essa realidade foi realizada uma conversa informal com alguns idosos da região de Rio Claro, São Paulo.

O intuito foi de captar os relatos de experiência do período da infância e adolescência sobre utilização de recursos naturais. As perguntas foram norteadas pelo tema água. Porém, os sujeitos discorriam livremente sobre suas experiências de vida e sobre outros assuntos relacionados. Por conta dessa dinâmica, não foi formulado nenhum questionário fixo para tal, apenas perguntas norteadoras (LUDKE, 1986).

A partir das perguntas realizadas em um questionário semiestruturado com uma metodologia qualitativa, os idosos tiveram a liberdade de falar sobre as mais diversas experiências relacionadas ao tema principal (LUDKE, 1986). As perguntas foram: Como você utilizava água em sua residência? Qual a importância da água para você atualmente e antigamente? Com você classifica o seu uso de água atualmente e antigamente em termos de economia e desperdício? O que você classifica como desperdício de água? Cite um exemplo dos dias atuais e da sua infância e adolescência.

A população mais idosa possui costumes e tradições mais antigos, dos seus tempos de infância e juventude. Antigamente, quando as pessoas iam fazer compras, eram utilizadas caixas de madeira ou carrinhos de metal – os famosos carrinhos de feira – para levar as compras para casa, compras estas realizadas em mercados, armazéns ou cooperativas rurais da região. Esse é um costume de que muitos idosos do interior ainda se utilizam.

Ao falar com alguns idosos, foi notório o saudosismo dos tempos antigos e mais difíceis, da aproximação real das pessoas - não virtual -, e a observação de que, antigamente, não era necessário pensar em economia de recursos naturais. Alguns dos idosos defendem que “no seu tempo” não havia a preocupação de economia de recursos e água, pois não havia desperdício demasiado.

A maioria dos idosos relatou que morava em sítio em sua infância e adolescência, esses afirmam que tudo era reutilizado, reaproveitado e que o desperdício era mínimo. O intuito de toda essa ação sustentável foi descrito, por todos os idosos, por

motivos econômicos e por costumes. Todos aprenderam dessa maneira com seus pais e avós e não questionavam o motivo, simplesmente fazia-se igual. Restos de comida eram alimentos para os animais, não havia descartáveis, qualquer resíduo orgânico não ia para o lixo, e sim para a compostagem em hortas familiares.

Todos esses fatores descritos pelos idosos realmente são de se admirar. São costumes que atualmente poucas pessoas têm oportunidade de reproduzir, por falta de espaço e até de tempo para dedicação. Por conta desses fatos que é explícita a necessidade de pensar em maneiras alternativas e viáveis ao estilo de vida atual para economizar recursos naturais, evitar desperdícios e aplicar a tão almejada sustentabilidade a partir da educação ambiental.

Primeiramente, é importante salientar que o consumo era muito menor pois não havia tantas oportunidades de desperdício. Embalagens plásticas não eram tão negligenciadas da mesma maneira que são nos dias de hoje, não havia embalagem em cima de embalagem nos produtos. Nem todos os alimentos eram embalados, e, para os que eram, havia a alternativa de utilizar papéis como papelão e jornais para embrulhar os alimentos. Atualmente, a maioria das embalagens são de plástico. Salvo essa observação, quando os idosos discorriam sobre as experiências com a água os relatos eram diferentes.

Apesar de todos esses ensinamentos vivenciados por essas pessoas que nasceram antes da década de 60 – período em que se inicia as discussões sobre sustentabilidade -, quando o assunto é água, a economia e o reuso não é tão comum quanto aos outros recursos. A água não é tratada como um recurso limitado pelos idosos, mas sim, como um recurso de difícil acesso. Portanto, a economia não era financeira ou até mesmo consciente, era apenas estratégica. E quando a fonte de água se localizava em um local mais próximo da residência, as pessoas não tinham nenhuma intenção de economia.

A principal fonte de água para a maioria dos idosos que participaram da conversa era água de minas. Quando crianças e adolescentes não havia água encanada em suas casas. Por isso, os banhos eram com água fervida no fogão à lenha e jogada numa bacia. A água para lavar a roupa, para consumo, para lavar a casa (algumas com chão de terra batida) também era da mina mais próxima de suas casas. Já a água ingerida pelos animais era sempre do rio mais próximo.

Nos dias de hoje, esses idosos têm conceitos diferentes do que é desperdício e do que é necessário. Por não terem tido um acesso fácil à água da mesma maneira que têm hoje, esses idosos não conseguem discernir o quanto desperdiçam esse recurso. Uma ação de desperdício de água, como por exemplo lavar a calçada, para todos os idosos que

participaram da conversa foi considerada uma ação necessária. Pois, a calçada é a “porta de entrada” para a casa, então se a calçada está suja o visitante suja toda a casa.

Pensando nos anos de 1940 a 1960, uma ação classificada como desperdício para a maioria dos idosos nesse período de tempo, foi dar água da mina para os animais. Pois os animais tinham fonte de água “ilimitada” – seguindo as palavras de alguns idosos – no rio que passava pela propriedade da família. Portanto, os animais não precisavam de água da mina para o consumo.

A partir desses dois exemplos é possível notar que o entendimento da palavra desperdício é totalmente coerente com o contexto em que eles viveram. Porém, não condiz com o atual momento de escassez de recursos em que o planeta está vivenciando. Um outro exemplo relevante de percepção de desperdício, foi que muitos desses idosos não fechavam a torneira enquanto lavavam a louça, pelos seus relatos, eles não consideram um problema deixar a torneira aberta por muito tempo.

Segundo os idosos, uma vez que a água canalizada veio do rio e voltará para o rio, deixar a torneira aberta não é desperdício. Os idosos também não identificaram como um problema deixar o chuveiro aberto por muito tempo enquanto faziam outras coisas para dar tempo da água esquentar (esse é outro fator interessante, os idosos acham que o chuveiro deve ficar um tempo ligado para a água esquentar, problema esse que não é mais enfrentado atualmente).

Depois de um pouco de conversa e alguns pontos esclarecidos, uma idosa que participou de uma dessas conversas mencionou que antigamente o acesso à água era escasso e hoje é muito fácil, por isso ela acredita que há mais desperdício por parte dos idosos. Outro fator observado foi o fato de que esse assunto é relativamente recente, não há muito acesso as essas informações sem ser pela internet ou revistas, e a mídia mais utilizada pelos idosos é o jornal e a televisão.

Considerando todos esses dados fornecidos pelos idosos do interior de São Paulo, é possível constatar que são necessárias ações afirmativas para que a educação ambiental seja disseminada para essa faixa etária. É de suma importância que, mais do que a consciência ambiental seja construída com as pessoas da terceira idade, mas também que a conscientização seja efetiva (TORRES, 2014).

Também é importante frisar que, para realizar uma ação de educação ambiental crítica e transformadora, é necessário que o educador ambiental leve em consideração todo o histórico do público alvo. Histórico cultural e temporal, como no caso dos idosos, histórico social, histórico econômico. Enfim, é função do educador

ambiental pesquisar alternativas viáveis que estimulem o seu público alvo a tomada de conscientização sobre o tema (TORRES, 2014).

O que os educadores ambientais podem fazer é auxiliar na construção do conhecimento crítico para assim, dentro do seu contexto sócio-histórico-cultural a pessoa conseguir sua própria emancipação. A partir da consciência sobre o fato juntamente com a ação transformadora, a qual visa transformar a situação indesejada, é que se consolida a conscientização efetiva, ou seja, a “consciência + ação = conscientização” (TORRES, 2014).

Uma alternativa de educação ambiental voltada para idosos é que os mesmos participem de projetos sociais relacionados à educação ambiental e exercitem o seu histórico cultural para conscientização de crianças e jovens. Com isso, espera-se que os idosos tenham a oportunidade de relembrar o quanto a água era valorizada e possam intervir na prática atual com suas experiências vividas (MACHADO *et. al.*, 2006).

Pode-se dizer que o idoso é um privilegiado em relação ao tempo. Ele é o único que experimentou o passado e experimenta o presente. É a autoridade histórica que não podemos desperdiçar, portanto, a transmissão de seus erros e acertos em relação ao meio ambiente pode trazer, para os mais jovens, experiências que contribuam para a formação de uma consciência crítica sobre a realidade em que vivem (MACHADO *et. al.*, 2006, p. 1).

MACHADO *et. al.* (2006), cita que uma intervenção comunitária com os idosos também pode auxiliar no convívio social desses idosos, e isso também faz parte da educação ambiental. Os idosos possuem um histórico de mudanças e transformações ambientais que não deve ser descartado, e sim valorizado. Segundo o autor, a terceira idade pode mostrar para os mais jovens os seus erros e acertos do passado. Assim, os sujeitos podem juntos, construir alternativas de superação desses obstáculos para melhorar a qualidade de vida da população.

Com isso, pode-se concluir que os idosos são uma grande fonte de informação e possuem ensinamentos muito ricos de saberes. Porém, esses ensinamentos precisam ser direcionados e adaptados para os dias atuais e dentro das diretrizes da sustentabilidade.

Referências

DAMO, A.; SIMÕES, C. da S.; MOURA, D. V.; MINASI, L. F.; CRUZ, R. G.; **Paulo Freire, um Educador Ambiental: Apontamentos Críticos sobre a Educação Ambiental a partir do Pensamento Freireano.** Universidade Federal do Rio Grande, v. 5, nº 3, DELOS, Revista Desarrollo Local Sostenible. Espanha, 2012.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A.; **Pesquisa em Educação; Abordagens Qualitativas.** São Paulo, EPU, 1986.

MACHADO, R. F. de O.; VALESCO, F. de L. C. G.; AMIM, V.; **O encontro da política nacional da educação ambiental com a política nacional do idoso.** Revista SciELO, Saúde e Sociedade, v. 5, n. 3. São Paulo-SP, 2006. ISSN 1984-0470.

SILVA, O. L.; COSTA, A. P. L.; ALMEIDA, E. A.; **Educação Ambiental: O despertar de uma proposta crítica para a formação do sujeito ecológico.** Holus. Natal – RN, 2012.

SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; MENDONÇA, P.; JUNIOR, L. A. F.; **Educação ambiental como política pública.** Educação e Pesquisa, v. 31, n. 2, p. 285-299. São Paulo – SP, 2005.

TORRES, J. R.; FERRARI, N.; MAESTRELLI, S. R. P.; Educação ambiental crítico-transformadora no contexto escolar: teoria e prática freireana. In: LOREIRO, C. F. B.; TORRES, J. R. (Org); **Educação Ambiental – Dialogando com Paulo Freire.** Editora Cortez, p. 11-14. São Paulo-SP, 2014.

TOZONI-REIS, M. F. de C.; **Educação Ambiental: natureza, razão e história.** Editora: Autores Associados. Campinas – SP, 2004.

VICTORINO, C. J. A.; **Planeta Água Morrendo de Sede – Uma visão analítica na metodologia do uso e abuso dos recursos hídricos.** Editora ediPUCRS. Porto Alegre – RS, 2007.

*Minicurrículo:

Clarissa Suelen Oliveira é formada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São Carlos, cursou aperfeiçoamento em Educação Ambiental nas Escolas pela Escola Aberta do Brasil, é especialista em Educação Ambiental Urbana pela Escola Aberta do Brasil, é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos e é integrante da Comissão de Plano de Logística Sustentável da mesma universidade.